

# Antologia Poética

Edgar Carneiro



# AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

---

A poesia em formato digital terá o mesmo  
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da  
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,  
agora, dar o passo para além dos limites do  
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e  
construir o seu livro. Também ele cúmplice  
desta batalha pela poesia que não pode ter  
fronteiras, nem barreiras.

*Elefante Editores*

## Antologia Poética - Prefácio

---

O lançamento desta Antologia Poética de Edgar Carneiro - antologia pessoal, porque lhe foi cometida a tarefa de seleccionar os poemas essenciais da sua obra — ocorre exactamente quando o poeta perfaz 85 anos de muitas colheitas já feitas no prado e quase 65 anos de vida literária.

Vários poemas dão conta de ter raízes fundas na montanha e de saber seus íntimos segredos: Chaves foi o berço do infante, a partir daquele dia 8 de Maio de 1913. Lamego, Chaves e Vila Real viram por ali passar o estudante da infância e da adolescência e Coimbra recebeu-o na Faculdade de Letras, donde em 1938, saía licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas.

Entretanto, fizera parte do Orfeão Académico de Coimbra e viria a ser um dos fundadores do Teatro Experimental do Porto.

Faz questão de se afirmar pai do poeta Eduardo Guerra Carneiro - Sou de longe além dos montes / Onde meu amor gerou / Alguém que há-de sonhar / O mesmo sonho que eu tive (poema de Mar Amar, não incluído nesta colectânea) - e avô de um jovem arqueólogo.

O roteiro docente, primeiro em escolas industriais e comerciais, depois nas secundárias, iniciou-se, logo então, em Chaves e incluiu Lisboa, Porto, Vila Real, Fiães e Espinho, cidade para onde, em 1967, trouxe armas e bagagens, pois fora colocado a uma dezena de quilómetros, como director da Escola Preparatória D. Pedro V (hoje Escola Básica 2/3 D. Moisés Alves de Pinho) de Fiães.

Foi por essa altura que escreveu poemas, que só publicaria em 1980, mas que parecem prenunciar o 25 de Abril. Lamentava-se então: Não podemos amar, / Cativos como aranhas./ Não podemos amar / Com armaduras velhas/ E a sentinela a ver-nos / do seu posto. Pressentia que

era tempo de frutos maduros, / À espera de quem? e já falava de o grito dos cravos / Na boca vermelha!

Por causa de versos premonitórios como estes, foi admoestado pelo Governo Civil, acusado de colaborar com a sua poesia em jornais considerados adversos à Situação, ao tempo que o filho Eduardo, ainda estudante, era detido pela Pide.

Incontornável, Abril chegou. Edgar Carneiro veio, logo a seguir, efectivo, leccionar na agora designada Escola Secundária Dr. Manuel Gomes de Almeida, em Espinho, aí permanecendo, como professor, até se aposentar em 1983. Continua, entretanto, a residir em Espinho, onde, junto do mar criador, não encontra teias erguidas / vedando o nosso olhar / Nem volumes parados / Devotados / À fria solidão.

Não contando com o livro de estreia (1934) e com outro ainda inédito, intitulado A Boca na Fonte, Edgar Carneiro, editou à sua custa, ainda que patrocinados pela Editora &etc., oito livros de poesias. Começaram a ver a luz quando o pó levantado pela Revolução foi assentando (1978) e foram surgindo com certa regularidade até 1992, merecendo da crítica referências muito elogiosas: João Gaspar Simões declara que o autor atinge alturas consideráveis no nosso lirismo.

Luís Miranda Rocha encontrou na sua poesia dois motivos fundamentais de interesse: o primeiro é o rigor da escrita: agilidade estilística, domínio de meios expressivos, economia discursiva, outras qualidades que à noção de rigor vulgarmente se associam. O segundo é a dependência no referencial em relação à realidade social, regional.

Ernesto Rodrigues reputa-o como o nosso melhor artista em verso curto.

Fernão de Magalhães Gonçalves assevera que o livro de poemas Rosa Pedra é uma obra-prima e que era impossível ir-se mais longe na contenção emotiva e no bom gosto.

Parece-me curioso verificar que o título da referida obra de estreia, Caminhos de Fogo, que o ardor da juventude traria a lume, mas que o poeta retirou mais tarde do mercado, bem poderia servir para caracterizar a maior parte da sua obra. Trata-se, com efeito, de uma poesia eminentemente solar, diurna, luminar, simultaneamente telúrica, quase vulcânica. O Sol pontifica sempre na paisagem, como num desenho de infância, e a sua presença ou ausência tudo definem. Não é possível ser-se exaustivo, de tantos serem os exemplos:

A urze dos Poemas Transmontanos encontra no fogo / o símile exacto: / deslumbra nos olhos / E queima no tacto. Em Tempo de Guerra fala de Junho, / De sol e calores, como um tempo de fogo / no grão sazonado. Em Rosa Pedra, Volúpia é um ígneo poema, feito de lume e labaredas do primeiro ao último verso.

O Sol remete para o Amor (Por amarmos o sol e o girassol... É que nós nos amamos, meu amor), para a Alegria (este sol estival / temperado na maresia / também nos muda afinal / E nos dá mais alegria), para a Verdade (o sol da verdade), para a Liberdade (Dizer sim ao Sol / que brilha no meio da confusão / Dizer sim à Liberdade / A tudo o mais dizer não.) e para o Sonho (Quando a nuvem descobre... A Natureza alonga / O campo aberto ao sonho).

A antologia encerra com vários inéditos, com a mesma linguagem concisa e rigorosa, mas enriquecidos de uma temática sensitiva, por vezes erótica (assinale-se a poeticidade redundante da poesia intitulada Dos lábios) e apresentando algumas inovações formais, num alargamento do processo poético, que manifesta a preocupação de cada vez mais pôr a poesia em poesia, como aconselharia João Gaspar Simões, à luz dos conceitos do poeta alemão Novalis.

Lá Onde o Sol Demore é outro poema apolíneo e uma vigorosa declaração da fé de um crente (Lá onde o Sol demore / a sua mão de

seda), que outro poeta de Espinho, o suicida Manuel Laranjeira, desaparecido no ano anterior ao do nascimento de Edgar Carneiro e dono de uma visão schopenhaueriana e negativista da vida, nunca poderia ter subscrito.

Também Espinho merece de cada um desses escritores perspectivas completamente diferentes: para Manuel Laranjeira era uma terra gris, imundamente gris, como gris era tudo o que se lhe deparava; já Edgar Carneiro confessa que Aqui na praia me sinto / mais feliz em cada ano e a sua opinião é de que aqui tudo se agita / E muda e move; / É litania, é cântico, é ode.

Edgar Carneiro deu a Espinho e às suas gentes muitos anos de uma aturada vida profissional, marcada indelevelmente nos espíritos dos jovens e dos colegas que passaram pela escola onde leccionou. Adoptou Espinho para viver e conviver. Cantou esta cidade e os que nela moram, este mar e os que nele labutam, estas praias e os que nelas vilegiaturam. Nesta dádiva, iluminou ainda mais esta paisagem, tornou-a mais habitável, deu-lhe a poesia que outros não lhe encontraram.

Esta antologia será apenas um símbolo do reconhecimento que lhe devem sobretudo os espinhenses. Com ela se pretende dar a conhecer mais profundamente o poeta que nos explicou como podemos manifestar essa gratidão e a nossa devotada amizade:

Amar é conhecer.

Antero Monteiro  
Espinho, 25 de Abril de 1998

## Mulheres do Campo

---

Mulher de lenço,  
De fouce erguida;  
Mulher do campo,  
Mulher da lida.

Mulher que lavra,  
Que apanha os frutos;  
Mulher cercada  
Nos seus redutos.

Mulher que sonha,  
Mulher que ama;  
Mulher ardendo  
Na própria chama.

Mulher que reza,  
Mulher que chora;  
Que esquece os dias,  
Espera a hora.

Mulher menina,  
Mulher avó,  
Servindo a tantos,  
Mulher tão só.

## A Urze

---

A urze requer  
Uns olhos mais duros;  
De pária ou pastor,  
Olhos de segura.

Olhos de quem viu,  
Sem mudar o rosto,  
O sangue mais quente  
Do que o vinho mosto.

A urze não tem  
Flor de companhia.  
Inunda de roxo  
Toda a serrania.

Encontra no fogo  
O símile exacto:  
Deslumbra nos olhos  
E queima no tacto.

Urze da montanha,  
Adusta e mirrada,  
É carne do poema,  
Dor cristalizada.



## Bruxa

---

Que pó se levanta  
No rolo do vento!  
São bruxas bailando,  
Sinal agoirento.  
Benzei-vos, meninos,  
Rezai a S. Vito!  
Estoire o Diabo  
Danado e precito!  
Três cruzes na boca,  
Um sino-saimão,  
E sumam-se as bruxas  
Além do Marão!

## Vindima

---

Vindima não é festa. Dói nos ombros,  
Embora seja amor que o dia pede.

Bagos pretos nos olhos, mãos de mosto,  
É sempre o mesmo sol e a mesma sede.

Corre nas veias sangue de outras vinhas  
Que os anos torcem como um tronco a arder.

O tempo não apaga o fogo posto:

Outras bocas se prendem nas grainhas;  
Fica o sumo nos lábios a ferver.

## Tempo de Junho

---

É tempo de Junho,  
De sol e calores;

De balas colhidas  
Em campo de flores.

É tempo de fogo  
No grão sazonado;

De caça abatida  
Sem festim marcado.

É tempo de ceifa.

De luas completas  
Em ventres de mãe;

De frutos maduros,  
À espera de quem?

## Campo de Concentração

---

Não há rio nem há ponte  
Nem caminho de rosas.

Só este campo de cinza  
Marcado de lés a lés  
E uns olhos que nos espiam  
E nos fitam de revés.

Ó Primavera, que luto  
Cobre o teu corpo florido!

Frio rosto no valado  
Não é silêncio, é recado.  
Vai no vento repetido.

## Resistência

---

Que nos peçam juras,  
Se a alma as não sente,  
Se é dentro do fruto  
Que fica a semente!

Que nos digam chora,  
Se entanto sorrimos;  
Se os braços nos cortam  
E ainda florimos!

Que nos digam presos,  
Fechados, rendidos,  
Sem campos, sem flores,  
Sem asas de abelhas!

Que nos digam mortos,  
Se, mortos, vivemos;  
Se temos nos olhos  
O sol da verdade  
E o grito dos cravos  
Na boca vermelha!

# Laranjas

---

São laranjas que trazem os navios.  
Alinham-se no cais. Circulam na cidade

São esta cor das ruas e dos montes  
Inundam a manhã de claridade

Ladeiam os caminhos  
Como quem volta aos ramos.

Em cada mão acendem a promessa  
Tão viva que magoa nos sentidos

E túrgidas se mostram. Ardem. Pulsam.  
No coração dos homens,  
Redondas, como um gládio, amadurecem.

## Pão Nosso

---

Havia a mão segura nas sementes;  
Havia dedos ágeis nas espigas;

Havia braços fortes  
Dobrados na masseira;

Havia o forno a arder  
E a dor no coração:

Havia cinco bocas de criança,  
Mas não havia pão!

## Pedagogia

---

Deram-lhe livros: rasgou,  
Porque não sabia ler;  
Deram-lhe penas: quebrou,  
Por não saber escrever;  
Como terras não teria,  
Bois e cangas recusou;  
Outras artes não sabia  
Ou, se sabia, esqueceu.  
Deram-lhe um cinto de balas  
E uma espingarda: matou!  
Foi tudo quanto aprendeu.  
Amar, ninguém lhe ensinou.





## O Pão No Regaço

---

No teu avental  
Trazias sementes:

Comeram as aves;  
Voaram contentes.

Trazias os frutos,  
O pão no regaço:

Ergueste o moral  
Ao duro cansaço.

De volta do prado  
Trazias as rosas:

Acendes amor  
Nas noites calmosas.

O quente regaço  
Agora desnudas  
De lãs e lavores.

E, quando adormeces,  
Ainda recendes  
A frutos e a flores.

## Joaninha, Voa, Voa

---

Joaninha, voa, voa.  
Leva as cartas a Lisboa.  
Leva o desgosto da gente  
Que não quer ódios nem balas,  
Nem rodeios nem cabalas  
De quem promete e lhe mente.

Joaninha, voa, voa.  
Leva as cartas a Lisboa.  
Leva esta mágoa sentida  
De quem quer comer o pão  
Sem ter de estender a mão  
A quem lho dá por medida.

Joaninha, voa, voa.  
Leva as cartas a Lisboa.  
Correio de quem é pobre,  
Vai dizer a quem é tolo  
Que quanto mais cresce o bolo  
Mais o povo passa fome.

Joaninha, voa, voa.  
Leva as cartas a Lisboa.  
Além de ruas e casas,  
Vai dizer aos Grão-Senhores  
Que são precisas mais flores  
Onde poísem tuas asas.



# Amar é Jogar

---

Amar é jogar  
Com mão ponderada.

É saber ganhar  
E saber perder.

Se a sorte não der,  
Aumenta a parada.

O maior prazer  
Está na jogada.

## Razão de Amar

---

Por amarmos os pássaros voando  
E tudo quanto é livre e natural;

Por amarmos os rios sem barreiras  
E o mar que banha a praia por igual;

Por amarmos o sol e o girassol;

Por amarmos a estrela mais distante  
E o seu reflexo de ouro numa flor;

Por amarmos a toda a humanidade  
É que nós nos amamos, meu amor.

## Aromas

---

Há muitos aromas  
Que me dão prazer:  
A erva cortada  
Depois de chover;

A fruta madura;  
As flores de jardim;  
A fresca alfazema;  
O verde alecrim;

No feno segado,  
Na maré vazia  
O cheiro do prado  
E o da maresia;

Uma essência rara,  
Discreta e suave;  
O fino manjar  
Que recende e sabe.

Mas há um perfume  
Que tem mais sabor:  
O cálido aroma  
De teu corpo em flor.

## Volúpia

---

Amor até ao fim,  
Ao último desmaio;

Quando o grito  
For lume nos teus lábios;

Quando a tensão ficar  
Metal ardendo;

Quando a luz dos meus olhos  
Incendiar de novo  
O teu cabelo;

Quando extinto  
O calor da labareda,

A cinza, sobre nós,  
For um rosal aceso.

## São Rosas

---

A rosa na mão,  
Promessa de amor.  
A rosa na rosa  
Que é perfume e cor.

A rosa fendida,  
Na boca uma brasa.  
A luz da manhã  
Abrindo-se em casa.

A rosa na pedra  
Florida com arte,  
Luzeiro de Deus  
Que é uno e se parte.

A rosa no Sol  
Entrando no mar.  
O beijo de bala  
No peito a sangrar.

A rosa cortada,  
Caída no chão.  
Na terra sagrada  
É pena e perdão.

## Cartaz

---

Deita fora a pedra.  
Pega numa rosa.  
Ergue-a como um sol  
Na noite nublosa.

Vai de roda em roda;  
Vai de mão em mão.  
Que seja esta rosa  
O nosso brasão.

Vai de terra em terra;  
Faz dela um cartaz,  
Combatendo a guerra,  
A favor da paz.

O mundo é uma arena;  
A Lei, desigual:  
Não deites a rosa  
A quem só faz mal.

Já tem o toureiro  
Suas vestes de ouro;  
Lança a tua rosa  
Aos cornos do touro.



## Contraponto

---

A rosa é como o fogo:  
Acende,  
Esplende,  
Aflora  
E se desfaz num pronto.

Se fria, imóvel for,  
Disforme,  
Enorme  
E densa,  
Ao lado duma flor  
A pedra é o contraponto.

## A Pedra

---

Dizemos pedra, é pedra  
Quanto é duro e nos fere.  
Assim o pão da fome,  
A fome que sugere.

Dizemos pedra, é pedra  
Quanto é duro e nos mata.  
Assim o chumbo, a bala,  
O grito seco, a pata.

Dizemos pedra, é pedra,  
Se é pedra, o coração.  
De quem atira a pedra  
É pedra a própria mão.

Dizemos pedra, é pedra  
O que nos pesa mais:  
A pedra que é mais pedra  
Que as pedras naturais.



## Sina

---

A sina escondida  
Na palma da mão,  
As linhas secretas  
Da navegação.

Os ventos precisos,  
A Lua acertada;  
As angras e os portos  
Da nossa chegada.

Os cabos, recifes,  
Golfões a passar;  
As ilhas perdidas  
No meio do mar.

As lutas, os lutos,  
A febre, os baixios  
E a força da vida  
Que move os navios.

## Roteiro

---

Como se fora sonho  
Antes de ser história;  
Como se fosse escrito  
No sangue e na memória;

Como estrela que existe  
Mas ainda não brilha;  
Como se fosse o mapa  
Antes de haver a ilha;

Como se o pensamento,  
Esse fio doirado,  
Fosse o mesmo novelo  
Do que já foi pensado,

Assim a nossa vida  
Vai desdobrando a vela  
Até chegar a ser  
A própria caravela.

## Taurus

---

Touro como se fosse  
Apenas força pura,  
Liberto dos ardis  
que a morte lhe assegura.

Das nuvens lhe viessem  
Os ventos que soprados  
Lançassem as estrelas  
Por de cima dos prados.

Um símbolo de quem  
A vida quer enxuta,  
Sem o golpe da afronta  
Sem o sangue da luta.

Não é de oiro seu corpo  
Nem doutra essência fria  
Mas sim do fogo astral  
Aceso em cada dia.

Do seu alor a vis,  
O frenesi, o alarde  
Que em nosso sangue estua  
E em nossos olhos arde.

## Virgo

---

Virgem como um casulo  
Antes de ser insecto;  
Uma luz a luzir  
Com o porto mais perto.

O prazer só desejo,  
A flor antes do fruto;  
Água que vai correr  
No campo ainda enxuto.

O sonho dum futuro  
Anúncio de mudança;  
A força do querer  
Que é viva e não se cansa.

O que só vem depois  
De cauto ou proibido;  
O que traz mais calor  
Ao jogo dos sentidos.

A esp'rança que não mente,  
A fé que não ilude;  
Tudo que é natural,  
A única virtude.

## Vida Viva

---

A vida também  
É tempo passado,  
As muitas colheitas  
Já feitas no prado.

Memória de afãs,  
De luta e lazer;  
O que deu canseira,  
O que deu prazer;

Os corpos no rio,  
Na margem enxutos;  
As mãos tacteando  
A seda dos frutos;

O gosto dos sumos  
Tão frescos e vários  
Que só de lembrá-los  
Nos deixa mordidos,  
Sedentos os lábios.

## Vida Viva

---

A vida também  
É tempo passado,  
As muitas colheitas  
Já feitas no prado.

Memória de afãs,  
De luta e lazer;  
O que deu canseira,  
O que deu prazer;

Os corpos no rio,  
Na margem enxutos;  
As mãos tacteando  
A seda dos frutos;

O gosto dos sumos  
Tão frescos e vários  
Que só de lembrá-los  
Nos deixa mordidos,  
Sedentos os lábios.



## Tudo Em Tudo

---

A flor respira  
A pedra sente  
O mar escuta  
A voz da gente

Ao tacto o fruto  
Inflama e cora  
O ar suspira  
A fonte chora

Arde o veludo  
De amor confesso  
Paixão sentida

Tudo é em tudo  
Verso e reverso  
Da própria vida.

## Praia

---

Por dentro da aurora  
Se despiu o dia;  
Nem o claro Sol  
Tem mais alegria.

Se despiu o dia  
Por dentro da seda;  
Nem a branca espuma  
Tem tanta beleza.

Se despiu o dia  
Por dentro da onda  
E nem a açucena  
Terá mais aroma.

Se despiu o dia  
Na festa do amor  
E os corpos sentiram  
Mais vida e calor.

## Ideário

---

Dizer sim quando podemos  
Dizê-lo à nossa vontade;

Dizer sim quando sabemos,  
E sabemos?, que é verdade;

Dizer sim a quanto, humano,  
For sinónimo de amor;

Dizer sim à Natureza  
Que dá fruto e dá a flor;

Dizer sim ao Sol que brilha  
No meio da confusão;

Dizer sim à Liberdade,  
A tudo mais dizer não.



## Ignoto Mar

---

Não digo tronco em flor,  
Não digo fruto;  
Não digo Sol abrindo,  
Amor ardente  
De quem fica sentindo  
A vida a levedar;  
Não digo ramo enxuto,  
Dor ausente;  
Não digo terra firme:  
Digo mar

## Mar Criador

---

Não há teias erguidas  
Vedando o nosso olhar  
Nem volumes parados  
Devotados  
À fria solidão.  
Aqui tudo se agita  
E muda e move;  
É litania, é cântico,  
É ode;  
É êxtase de quem,  
De alma rendida,  
Sabe encontrar na vida  
A própria inspiração.

## Preia-Mar

---

Já brilha a manhã  
Na crista das ondas,  
Primazia grata  
De gostoso enleio.  
No âmago fundo  
O mar estremece  
E os peixes retomam  
Seu longo rodeio.  
É a hora certa  
De marcar o dia  
Sua contradança.  
Na cúpula imensa  
Os astros apagam  
Luzeiros inúteis.  
Mas a Terra gira,  
A Lua comanda,  
A vaga se adensa  
E a maré avança.

## Onda

---

A onda  
Redonda  
Enrola,  
Rodeia,  
Alonga  
Manobra,  
Desdobra,  
Coleia.  
Caindo  
No corpo,  
Enlaça,  
Ladeia.  
É serpe  
Dengosa  
Que morde  
Gostosa  
E tomba  
Na areia.

## Amar é Conhecer

---

Amar é conhecer  
Sentir a natureza  
Dos olhos sei  
A rútila presença  
E dos dedos a réplica  
Das sedas  
Antes que o turbilhão  
Dos mais sentidos  
Me leve à plenitude  
Da beleza



## Dos Lábios

---

Vem dos lábios a cor  
O rubor dos morangos  
Erectos gomos doces  
Sobressaindo hirtos  
Da sedosa folhagem  
E tímidos ardendo  
A pedirem mais tensos  
O seu regresso aos lábios

## Dos Comoros

---

Dos cômoros sei  
Os fáceis aromas  
Frenética língua  
Buscando o sabor  
Dos frutos mordidos  
Da súbita encosta  
Aberta aos sentidos  
Eu sei dos meandros  
A sombra dos fenos  
A gruta escondida  
Onde antes a serpe  
Às cegas entrando  
Deixava ondulando  
Os elos da vida



## Quando a Nuvem Descobre

---

Quando a nuvem descobre  
E se dispersa  
Naquele impulso breve  
Da brisa matinal  
A Natureza alonga  
O campo aberto ao sonho  
Ao quente enleio dele  
Eterno enamorado  
O sonhador esperta  
E sente à flor da pele  
A sedução do prado

## Vem Memória Antiga

---

Vem memória antiga  
Traz o círio aceso  
Dos momentos altos  
De cumprir-se o gosto  
Mais que haver de sê-lo  
Vem na hora incerta  
Para ser Agosto  
Quando o céu se mostra  
E o doirado fio  
Volta ao seu novelo

## Iremos Pelo Campo

---

Iremos pelo campo  
De mãos dadas  
Em busca dos prazeres  
Que a Natureza dá  
Guardaremos nos corpos  
O perfume  
Das ervas aromadas  
E no gosto o sabor  
Dos frutos naturais  
Pelo rubor dos lábios  
Flor acesa  
Trocaremos depois  
O lacre das papoilas  
Colhidas nos trigais

## De Ter Raízes Fundas

---

De ter raízes fundas  
Na montanha  
E de saber  
Seus íntimos segredos  
Trago nos olhos  
O florir das giestas  
Sinto na boca  
O gosto do medronho  
Alegro-me das fontes  
Quando canto  
E sou rival das águias  
Quando sonho

## Lá Onde o Sol Demore

---

Lá onde o Sol demore  
A sua mão de seda  
Onde o vento descubra  
A sedução da flor  
Lá onde a cor dos frutos  
Não supere  
O gosto de mordê-los  
Lá onde a noite é curta  
E os dias sempre belos  
Lá onde o ódio apague  
E amor acenda  
Aí eu armarei  
A minha tenda

## Balada de Espinho

---

Minha cidade amorosa  
À beira do mar sentada  
Meu Espinho doce espinho  
Que lembra o nome de rosa  
Ardendo na madrugada  
Meu jardim de palma erguida  
Ao sol quente dos estios  
Meu rio largo de esp'ranças  
Frente ao mar em desafio  
Meu tabuleiro de damas  
Onde os dias são jogados  
E a vida renova o jogo  
Sejam bons ou maus os fados  
Memória excelsa de artistas  
De pensadores e poetas  
Minha lira vai cantar  
Enquanto Deus me deixar  
E as Musas me forem certas





# ÍNDICE

Prefácio.....	3
A Urze.....	8
Bruxa.....	9
Vindima.....	10
Tempo de Junho.....	11
Campo de Concentração.....	12
Resistência.....	13
Laranjas.....	14
Pão Nosso.....	15
Pedagogia.....	16
O Pão No Regaço.....	17
Joaninha, Voa, Voa.....	18
Amar é Jogar.....	19
Razão de Amar.....	20
Aromas.....	21
Volúpia.....	22
São Rosas.....	23
Cartaz.....	24
Contraponto.....	25
A Pedra.....	26
Sina.....	27
Roteiro.....	28
Taurus.....	29
Virgo.....	30
Vida Vivida.....	31
Tudo em Tudo.....	32
Praia.....	33
Ideário.....	34
Ignoto Mar.....	35
Mar Criador.....	36
Preia-Mar.....	37
Onda.....	38
Amar é Conhecer.....	39
Dos Lábios.....	40
Dos Comoros.....	41
Quando a Nuvem Descobre.....	42
Vem Memória Antiga.....	43
Iremos Pelo Campo.....	44
De Ter Raízes Fundas.....	45
Lá Onde o Sol Demore.....	46
Balada de Espinho.....	47

Colecção

# digit@lmente

*Título:* **ANTOLOGIA POÉTICA**

*Autor:* **EDGAR CARNEIRO**

*Edição Em Formato Livro:* **Abril de 1998**  
*Edição Em Formato Digital:* **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**  
**para esta edição digital**

*Contacto:*  
**elefante@elefante-editores.net**



Ideias e Paixões que vamos descobrindo  
em cada livro e em cada palavra

**[www.elefante-editores.co.pt](http://www.elefante-editores.co.pt)**

Editores de Poesia desde 1997